



O evento midiaticado nas capas de revistas semanais sobre a guerra entre Hamas x Israel¹

The mediatized event on the covers of weekly magazines about the war between Hamas and Israel

Bruno Cordeiro dos Santos

Luiza Bayer Gutheil

Gabrielli Leiria Padilha

Palavras-chave: Mídia; Evento midiaticado; Capas de revista.

O presente resumo trata de uma pesquisa sobre um evento bélico midiaticado a partir da perspectiva brasileira expressa em suas capas de revistas semanais. Trata-se da circulação midiática do atentado produzido pelo grupo Hamas no dia 7 de outubro de 2023 deflagrado contra o festival “Universo Paralelo” em Israel, próximo ao kibutz Kfar Aza. Ele foi justificado pela defesa da mesquita de Al-Aqsa. O atentado integrou a histórica disputa entre palestinos e israelenses e acirrou um conflito que persiste até o momento em que escrevemos este texto. O anúncio do festival “Tribe of Nova Edição Universo Paralelo” no site evento anunciava “A explosão de uma grande estrela que provoca a emissão de luz e uma enorme energia nas galácticas” (Universo Paralelo, 2023). O resumo reflete sobre a realização das festas rave, apresenta capas brasileiras sobre o conflito e, analisa o atentado como tendo sido planejado na perspectiva de ser um evento midiaticado.



Anais de Resumos Expandidos

VI Seminário Internacional de Pesquisas em Miatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

Israel é conhecido mundialmente por realizar eventos de músicas eletrônicas. A aproximação entre as internacionais festas rave e as brasileiras festas funk permite articular reflexões quanto à perspectiva religiosa fundamentalista. Com aproximações para além da batida, as festas rave e funk tem origem periférica, clandestina e marginalizada (Souza, 2010); são um escape para os simpatizantes e geram preconceitos, especialmente de religiosos e fundamentalistas, que buscam se manter afastados da sociedade moderna (Oliveira, 2021), considerada um local de pecado e perdição. A compreensão deste contexto pode ter colaborado para que o Hamas tenha se aproveitado do simbolismo de depravação, de entrega aos desejos e de comunidade global (Abreu, 2005) para chamar atenção da comunidade internacional ao ataque.

Ratifica-se a pertinência ao buscar entender o que as capas das revistas têm a dizer, ao passo que geram sentidos circulantes nas mídias sociais. Eles conseguem acionar diferentes perspectivas ao formar opiniões sobre os acontecimentos em virtude da composição das capas, uma vez que, na disputa por narrativas nas mídias sociais: a plataformização emerge a circulação dos conteúdos e a externalidades das revistas no jornalismo (Silveira, *et. al.*, 2020).

As revistas desde sua constituição no Brasil passaram por diferentes conjecturas sociais, históricas e culturais. Serviram como aparato de informação, entretenimento e construção de sentidos. Elas cobrem funções diversas além de apenas noticiar, como provocar análises e reflexões (Scalzo, 2004). Para entender a relevância de abordar este objeto, nos ancoramos na perspectiva do Grupo de Pesquisa Comunicação, Identidades e Fronteiras: “[...] as capas [...] representam-no ao instituírem-se com voz própria, antes que mera irradiação de vozes socialmente legitimadas” (Silveira, *et. al.*, 2020).

Nesse sentido, buscamos tensionar seis capas de revistas semanais brasileiras publicadas nos primeiros 7 dias do conflito, para abarcar a circulação de sentidos integrante da disputa de narrativas:



Anais de Resumos Expandidos

VI Seminário Internacional de Pesquisas em Miatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

Quadro 1 - Capas brasileiras entre 12 de outubro e 19 de outubro de 2023



Fonte: elaboração do autor a partir de capas de revistas semanais.

Observamos que se revela produtivo envolver os sujeitos através de imagens impactantes para garantir atenção e calcar os valores editoriais das revistas. Ao integrar a atividade noticiosa, elas atuam como agentes de acionamentos informativos e reflexivos, além de instruir seus públicos a posicionar-se e entender disputas narrativas sob angulações divergentes. Nesse sentido, nossa análise busca entender as relações por um duplo modo de endereçamento cuja finalidade parte das representações sociais atravessadas por estereótipos: terrorismo, manifestação de poder e respostas tanto aos atos do grupo Hamas como ao governo de Israel.

Ao explorar aspectos empíricos da cobertura noticiosa, apontamos o desafio de atualizar a teoria dos eventos de mídia no novo cenário da mídiatização digital. Porque propomos a abordagem de um evento mídiatizado? A proposição de Dayan e Katz (1994) dos media events considerou as competências de três tipos básicos de script: conquista, coroação e contestação. Este último seria justamente o que se exacerbou no evento aqui referido. Vale recordar que ela foi realizada num momento em que a convergência digital ainda estava fora do horizonte



A compreensão do atentado como um evento midiaticado permite apreender como os autores factuais (Hamas) entendem a midiaticação, dado que ele alcança objetivos evidentes da perspectiva da lógica das mídias (Braga, 2014). Do ponto de vista de seus propósitos, a midiaticação do atentado foi imediata e eles podem ser expressos pela avaliação do jornalista brasileiro Breno Altman (2023): " disseminar a rebelião por todos os territórios palestinos [...] sob a hegemonia do Hamas para enfrentar Israel; [...] ; criar uma comoção mundial, fazer com que a questão palestina voltasse a ser discutida ”.

A integração fragmentada dos eventos midiaticados se converteu num problema teórico atual. Os eventos midiáticos possuem vocação de expansão do local para o fluxo global de informação. No entanto, no cotidiano noticioso, nas condições de infodemia que vivenciamos, são excepcionais os que realmente alcançam tal patamar, especialmente quando convocam cenas de choque e pavor, como o demonstram as capas aqui referidas.

A circulação exacerba as competências da centralidade concreta e presencial, virtualizando sua dispersão no tempo-espaço midiaticados. A pretensão de instaurar uma guerra digital e produzir um evento de mídia torna-se um " acontecimento ", proporciona a ruptura com a normalidade, " desorganizando o presente " e, assim, instaura-se como força que articula competências múltiplas (França, 2012).

O evento midiaticado tem em seu núcleo o entendimento da comunicação como processo, sua competência circulatória: " sem interferências ou imunes às diferenças e lógicas dos seus nichos produtivos, bem como da sua dinâmica da circulação " (Fausto Neto, 2018a, p.30). Assim, as competências da circulação não correspondem a tê-la como zona de recepção ou trânsito dos sentidos, " mas lócus de engendramentos de macro e micro processos comunicacionais, [...] como referência, as transformações dos fenômenos sociotécnicos " (Idem, Ibidem).

Vale dizer que o movimento Hamas teria apreendido a situar-se no cenário da midiaticação. Em seus antecedentes está a transmissão ao vivo da Guerra do Golfo (1990-1991), a qual teria iniciado a prática midiática dos eventos bélicos; porém, foi a



Anais de Resumos Expandidos

VI Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

multitransmissão do ataque do 11 de setembro de 2001 que exacerbou suas propriedades. Posteriormente, os tumultos no Capitólio de Washington, em 2021, e em Brasília, em 2023, a noção de evento midiático chegaria a sua consolidação através da circulação de imagens por seus próprios protagonistas.

Os eventos midiáticos, como dá prova o conflito em questão, são pensados a partir de sua capacidade de promover competências próprias da sociedade de plataformas: ativismo, mobilização, viralização e engajamento. Como nos tumultos referidos, o festival “Mundo Paralelo” dispôs de conexões e câmaras dos participantes que transmitiram em tempo real para suas redes a queda de mísseis e amplificaram a polissêmica do mote de seu criador: “a festa bombando”.

O atentado ao festival, para midiaticar-se, foi concebido “como o espaço do reconhecimento e dos desvios produzidos pela apropriação” (Braga, 2012, p. 38). Isto ocorre porque, “[...] os acontecimentos e outros discursos de várias naturezas se mesclam e circulam nas plataformas da mídia”, e “a circulação é concebida como ‘região’ na qual os sentidos não apenas transitam, mas também são tecidos” (Fausto Neto, 2018b, p. 84).

No momento em que finalizamos o presente relato, diversas manifestações de populares e de intelectuais enfatizam que a cobertura noticiosa está marcada pelo eurocentrismo estrutural e colonialismo histórico. O conflito nas capas de revistas brasileiras permite refletir a respeito dos sentidos ao personificar as incursões bélicas no Oriente Médio e um elemento que sobressai está na supressão das características transgressoras da festa bombardeada. As capas mobilizam sentidos notórios ao representar o que seria uma guerra, através da destruição, das explosões, do desespero e da narrativa de incursões opressoras das forças em conflito ao afetar vidas humanas que não se dedicam profissionalmente à guerra, como mulheres e crianças.



Referências

- ABREU, C. de C. Raves - encontros e disputas. 2005. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2006.
- BRAGA, J. L. Interação como contexto da Comunicação. *Matrizes*, v.6, n.1, p.25-41, 2012. <https://bit.ly/3MAA9wE.v6i1-2p25-42>
- DAYAN, D.; KATZ, E. *Media Events. The Live Broadcasting of History*. Cambridge-MA, London: Harvard University, 1994.
- FAUSTO NETO, A. Circulação: trajetos conceituais. *Rizoma*, v. 6, n. 2, p. 08-40, 2018a. <https://doi.org/10.17058/rzm.v6i2.13004>
- FAUSTO NETO, A. Mediação, miatização: conceitos entre trajetórias, biografias e geografias. In: J. Ferreira et al. *Entre o que se diz e o que se pensa: onde está a miatização? Onde está a miatização?* (p. 63-99). Santa Maria: FACOS-UFSM, 2018b. Disponível em: <https://bit.ly/3QtUhlu>. Acesso em 12 set. 2023.
- FRANÇA, V. O acontecimento e a mídia. *Galáxia*, v.24, 2012. <https://bit.ly/40xilIv>. Acesso em 5 dez. 2022.
- HARTMANN, C.; FANFA, M. de S. SILVEIRA, A. C. M. Reconfiguração editorial: Ainda há capas em jornalismo de plataforma? *Sur Le Journalisme*, v.9, n.1, p. 104–117, 2020. <https://doi.org/10.25200/SLJ.v9.n1.2020.421>
- OLIVEIRA, T. A. Considerações Sobre o Fundamentalismo Religioso a Partir da Crítica Freudiana à Religião. *Rev. Subj.*, v. 21, n. 2, p. 1-12, 2021. Disponível em <https://bit.ly/3u5JaYr>. Acesso em 30 out. 2023.
- SCALZO, M. *Jornalismo de revista*. São Paulo: Contexto, 2004.
- SOUZA, V. C. de. “Put your hands in the air!”: o sagrado e o desvio nas festas de música eletrônica. *Revista Eletrônica Correlatio*, n.18, Dez 2010. Disponível em: <https://bit.ly/40scxAh>. Acesso em: 30 out. 2023.
- TUTAMEIA. Grupo sionista faz ameaças a jornalista em São Paulo. 17/10/2023. Disponível em: <https://bit.ly/40scCnz>. Acesso em 18 out. 2023.
- UNIVERSO PARALELLO. Israel Edition: Universo Paralello World Tour. 2023. Disponível em: <https://bit.ly/3FRin4z>. Acesso em 12 de out. 2023.
- ZAGO, M. C.; ILARIO, E.; TERZIS, A. A festa rave e o mundo fantasmático: um estudo psicanalítico. *Rev. SPAGESP*, v. 13, n. 1, p. 14-22, 2012. Disponível em <https://bit.ly/47k7LHL>. Acesso em 12 out. 2023.